

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO OU (RE) FORMULAÇÃO DO PEDAGOGO

Virgílio Bandeira do Nascimento Filho¹; Rizalva Monteiro Matos². Luzinete Pires dos Santos³.
Aparecida Barbosa⁴

1. Universidade do Estado do Amazonas- CESP-UEA, *Professor Msc*
2. – Acadêmica do Curso de pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.
3. Professora Especialista na Secretaria Municipal de Educação de Parintins –
Pires.luh@hotmail.com.
4. Universidade Federal de Pernambuco, Professora Doutora – (Orientadora) -
cidaufpe@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo aborda a relevância da disciplina Estágio Supervisionado II para o curso de Pedagogia da UEA/Parintins. Os achados são dos alunos que vivenciaram a experiência de ser Pedagogo em uma sala de aula real, que por sua vez corroborou para a sua formação ou para uma reflexão sobre a atividade do pedagogo, trazendo à tona as delícias e a dor de ser protagonista do complexo processo de educar. Em que pesem o compartilhamento entre os futuros professores e os mais experientes, é fato que cada um traz muito de si na sua constituição em qualquer profissão, não haveria, pois, de ser diferente. Logo, encontrar-se ou desencontrar-se no período do Estágio Supervisionado é uma condição que o graduando precisa passar para ter certeza (ou não) de que deseja realmente fazer parte do crescimento das pessoas. Assim é imprescindível gostar de pessoas. Interlocutar com diversas pessoas, sejam jovens, crianças e adultos, já que poderão atuar na Educação de Jovens e Adultos – EJA -, é condição sine qua non para os graduandos de Pedagogia. Espera-se que o trabalho que apresentamos possa contribuir com diversas reflexões dos futuros pedagogos e Licenciandos, sobretudo nos seus períodos de Estágios para que os mesmos possam colocar em prática tudo aquilo que foi apreendido na sua formação dentro do processo educativo que irá atuar futuramente.

Palavras-Chave: Estágio Supervisionado. Formação Docente. Reflexão.

Introdução

Este artigo tem sua gênese nos relatórios da disciplina Estágio Supervisionado II. O mesmo foi realizado na escola “Maria Beatriz Maranhão”, em Parintins/AM. As séries contempladas foram do 1º ao 5º ano, no ensino fundamental I. Essa penetração na escola possibilita aos estudantes de Pedagogia, formularem ou repensarem a sua formação docente.

A partir das observações e intervenções relatadas pelos graduandos nos seus relatórios, foram analisadas as atividades desenvolvidas, mas, sobretudo, o impacto da mobilização das teorias da aprendizagem vistas nas aulas expositivas na universidade, no chão da escola.

Os relatos demonstram que os graduandos chegam às escolas ainda extremamente assustados com as crianças, seus futuros alunos, no tocante ao enfrentamento desses e, principalmente se eles (os graduandos) vão conseguir dar conta de uma atividade tão complexa quanto é o processo de ensinagem, termo cunhado por Garrido (2009), enfocando que o processo de ensino só acontece quando há, em contrapartida o processo de aprendizagem, assim, a autora une ensinar + aprendizagem = ensinagem.

O encontro entre a teoria da universidade e a realidade da sala de aula nem sempre é um encontro agradável. Nos relatos os graduandos deixam às claras a dura decepção que é estudar = memorizar tantos conteúdos para realizar as provas da universidade, mas, que, no entanto, em nada conversam com a realidade da sala de aula, aonde ele estarão daqui há um ano, só que desta feita, sozinhos, sem um professor para lhe passar “receitas”, lhe dar sugestões ou mesmo lhe prestar apoio. Eles entendem que estarão sozinhos, porém, revelam suas frustrações em não sentirem-se preparados para tal e o fazem através de expressões “é muita responsabilidade”, “não vou saber controlar aqueles meninos todos”, “qual teoria a gente aplica para os meninos ficarem calados? ”.

É fato. Essas respostas eles não vão encontrar nos livros indicados nas disciplinas da universidade, tampouco nas aulas da maioria dos professores na academia. Pois, outra constatação é de que poucos professores da academia foram/são professores da educação básica. Na maioria dos casos os acadêmicos sequer pisaram nas salas de aula das escolas da educação básica, ao menos e, certamente, não aqui no Brasil. Talvez, em suas pós-graduações tenham conhecido escolas europeias ou americanas, onde realizaram seus mestrados, doutorados e pós-doutorados. Do chão e da realidade da escola brasileira eles apenas (re) conhecem através de seus alunos da universidade, de seus artigos acadêmicos ou através da mídia. Dissonante sim, mas, real.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, a qual nos possibilitou uma análise pormenorizada das informações coletados e os aportes teóricos que nortearam a presente pesquisa (GIL 2002). Nesta referida pesquisa também se faz presente a abordagem fenomenológica, pois, segundo (TRIVIÑOS 2015, p.43) é o “estudo das essências [...] essência da percepção, a essência da consciência [...] compreende o homem e o mundo a partir de sua facticidade”. A entrevista semiestruturada foi utilizada para a coleta de dados, através desta levantou-se os questionamentos, permitindo a interpretação e compreensão do tema abordado. Como instrumentos de pesquisas utilizou-se o caderno de campo. O arcabouço teórico fundamentou-se em: Libâneo (1994), Lück (2009), Menegolla (2012), Selbach (2010) e Tosi (2003) entre outros que discutem a questão.

Campus do Estágio Supervisionado II

A Escola Beatriz Maranhão está localizada na cidade de Parintins, Estado do Amazonas, na Rua Pedro Ferreira Gonsalves n° 1886, bairro Raimundo Muniz, inscrita sobre

o decreto-Lei nº 90/99 – PGMP, recebeu este nome como uma forma de homenagear uma das mais ilustres professoras do ensino fundamental, Maria Beatriz Maranhão. Tem como entidade mantenedora a Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Parintins – SEMED, sob a administração do Prefeito Frank Luíz da Cunha Garcia.

A escola “Beatriz Maranhão” atende crianças do ensino fundamental nas idades de 06 a 14 anos e, mesmo alguns fora de faixa. Totalizando 272 alunos, oriundos dos bairros palmares, itaúna I e II, Paulo Corrêa, Bairro da união e Santa Clara. Nos turnos matutino e vespertino a escola atende alunos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e no turno noturno atende 125 alunos de 6º ao 9º ano que estão na Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Quanto ao índice de repetência, aprovação e evasão, há alguns problemas somente na Educação de jovens e Adultos, pois os mesmos muitas vezes desistem de estudar por causa dos desafios existentes em suas vidas. Quanto as crianças do Ensino Fundamental são raros os casos de desistência dos alunos.

Estrutura da escola

O espaço físico da escola é composto atualmente de 05 salas de aula, possibilitando o atendimento de 14 turmas nos horário matutino e vespertino e noturno. A secretaria, a diretoria, e a sala dos professores, fazem parte ainda do centro, 01 sala de atendimento Educacional Especializado - AEE -, para o atendimento de crianças com deficiências. As salas possuem climatização adequada, com ar condicionado e ventiladores nas áreas abertas.

Existe também um laboratório de informática, mas, no período em que foi realizado o estágio o mesmo estava com suas atividades interrompida, devido problemas na rede de internet.

Há uma cozinha ampla, com equipamentos adequados para a preparação das merendas, bem como local para armazenamento dessas e refrigeradores. A escola conta com três banheiros, sendo dois para as crianças, e um exclusivo para os funcionários.

A escola conta com uma excelente área para a socialização dos alunos trata-se de um salão social, aonde são realizadas as atividades socioculturais e atendimento do programa mais Educação. O entorno da escola conta com muito verde. Este verde promove um ambiente harmonioso.

A Escola Beatriz Maranhão tem como mantenedora a prefeitura municipal de Parintins, e, mantém parcerias com a APMC- Associação de Pais e Mestre e Comunitários que voluntariamente ajudam com mensalidades, de acordo com a possibilidade financeira de cada

associado (pais). Todo o valor arrecado é contabilizado em reuniões da Associação entre os Associados e a diretoria e, é decidido aonde serão alocados esses, ainda que pouco, recursos.

A escola atende as crianças de classes sociais baixas, por este motivo a escola oferta apenas a educação básica e os pais dessas crianças, na sua maioria se quer são alfabetizados, as suas profissões são tricicleiros, pescadores, moto-taxistas, e desempregados.

A condição sócio educacional dos pais influi diretamente para a vulnerabilidade social dos seus filhos. Há muitos pequenos dessa escola que moram com os avós ou tios e, segundo relato dos professores, a ausência dos pais (pode) afetar o desenvolvimento cognitivo das crianças, que os professores procuram suprir mobilizando seus saberes para fazer cumprir o papel social da escola. Conforme preconiza os PCNs: a escola tem o papel de possibilitar a criança “aprender a ser para melhor desenvolver sua personalidade e poder agir com autonomia, expressando opiniões e assumindo as responsabilidades pessoais”.

Saberes interpessoais

A categoria SABERES INTERPESSOAIS é relatada por Barbosa (2006) como os saberes necessários aos professores para conseguir dialogar com seus alunos, pois sem diálogo não há processo de ensino e aprendizagem, haverá apenas um despejo de informações nas mentes dos alunos, independentemente de seu nível de escolaridade e, apenas repassar informações não garante aos alunos que estes apreendam, ou seja, retenham com significado as informações advindas dos professores nas salas de aulas.

Dessa forma o professor precisa mobilizar mais este saber, uma vez que a autora traz em seus trabalhos acadêmicos outros saberes estudados por TARDIF (2002) e, agrega mais um saber: o saber interpessoal.

Neste contexto verificou-se que a relação na escola entre professor-aluno, é muito harmoniosa, afetiva e respeitosa. Os pequenos sabem que o professor na sala de aula, embora seja chamado de "tia", não se configura em alguém a quem não deva atender as solicitações nos momentos em que elas ocorrem.

Entretanto, notou-se que em algumas turmas esse saber não é mobilizado pelo professor, ou seja, ele incorpora a autoridade e apenas deseja que suas "ordens sejam obedecidas instantaneamente. Trata-se, portanto de uma relação verticalizada, em contrapartida com o que preconiza Babosa (2006) que a relação professor-aluno deve tender sempre para a horizontalidade.

É preciso dizer que a relação verticalizada e relatada acima ocorre nas turmas da Educação de Jovens e Adultos - EJA -, que por sua vez consiste na fase mais nevrálgica do

processo de ensino e aprendizagem, como relata Barbosa (2008), uma vez que os adultos já estão com os seus valores, seus pontos de vista, todos formados e, reformulá-los não é tarefa fácil para os professores. Em algumas situações presenciadas pelos graduandos na disciplina de Estágio Supervisionado II, esses relataram situações bem tensas, onde professor e alunos não chegaram a um consenso, fazendo com que a turma tomasse partidos entre a professora e os demais alunos.

Esses momentos circunstanciais de tensão entre professor e aluno vêm acontecendo em todo o país e, somente com o advento das redes sociais e a exposição na grande mídia (a TV) é que todos ficamos sabendo como está sendo difícil ser professor no cenário atual, e em uma situação onde se tem que lidar com várias cabeças, muitos pontos de vista ao mesmo tempo, diferente de um médico, um psicólogo que lida com o ser humano, mas cada um por vez.

De certo não temos receitas prontas para passar para os futuros pedagogos e, também reconhecemos que a universidade não os prepara para lidar com a geração atual, bem questionadora, quiçá as gerações vindouras, que supomos serão ainda mais questionadoras, mais sem limites que a atual.

ANÁLISES SOBRE OS DADOS COLETADOS

Observação e participação durante o estágio

O período de estágio consiste em uma preparação real para os futuros pedagogos. Nem sempre é um encontro agradável, pois, quando chegam até às escolas, vêm a quantidade de alunos, de imediato "bate um desespero, e não sabemos por onde começar, o que falar, como trazer aquele monte de conteúdos que fomos obrigados a memorizar e escrever nas provas", por este relato, que serve muito para nós, professores da disciplina de estágio, e nos deixa com a sensação de que não fizemos a nossa parte direito, isto é, não colaboramos com os graduandos para que eles entendam, de fato, o que vão fazer nas salas de aula, o que vão encontrar e, principalmente, como lidar com tantos conflitos a serem resolvidos ali, no momento, no instante, sem tempo de levar para casa e pensar numa solução, buscar nas teorias uma fórmula mágica para colocar em prática.

O que passa pela nossa cabeça após ler e reler os relatórios de estágio supervisionado é que não somos suficientemente capazes de formar a contento, como o cenário atual requer que formemos. Isto porque vivemos numa sociedade líquida sim. Vivemos tempos em que as informações sobretudo estão na palma das mãos dos nossos atuais alunos e, futuramente,

poderão já estar em suas mentes, através da inserção de um chip semelhante a um chip de smartphones. E nós, professores de hoje estamos preparados para lidar com esses futuros alunos?

Não. Não estamos, porque a verdade é que o processo de ensino e aprendizagem é uma troca: eu ensino, o meu aluno me ensina, eu aprendo com meu aluno, ele aprende comigo a ser uma pessoa melhor, um ser humano mais tolerante, mais humano. Contudo, nós, professores ainda continuamos sendo muito robóticos, passamos um monte de informações, e, simplesmente as cobramos nas avaliações, não nos preocupamos sobre "como", "quando" e em quais circunstâncias os nossos alunos vão transformar essas informações e, principalmente, não mediamos a transformação dessas informações em conhecimento.

As Vozes dos Teóricos sobre o Estágio Supervisionado

O estágio supervisionado é o entrelaço da teoria com a prática, nesse momento começa o desafio de conciliar as duas, e a partir do momento de convivência com a escola, os conhecimentos são ampliados, através da troca de experiências com os professores, das observações feitas em relação a prática educativa e metodologias usadas pelo professor de sala de aula.

É o momento no qual pode-se construir a própria identidade como pedagogo, mas, também pode-se descobrir que falta a vocação para lidar com gente, muitas pessoas ao mesmo tempo. É uma profusão de pensamentos de difícil degustação. É o momento que questiona-se: por que Pedagogia? O que é mesmo que eu vou fazer em sala de aula? Eu gosto de estar em sala de aula? Essas foram alguns questionamentos encontrados nos relatórios da disciplina de Estágio Supervisionado II da UEA/Parintins. Para Pimenta e Lima (2006)

“A pesquisa no estágio é uma estratégia, um método, uma possibilidade de formação do estagiário como futuro professor.” Assim percebemos que o estágio possibilita a formação do futuro professor, pois a teoria não se concretiza sem a prática, e o estágio nos capacita para criarmos nossa identidade e reformularmos nossa prática pedagógica e nos tornarmos um professor comprometido com a educação e priorizando o ensino aprendizagem. (PIMENTA E LIMA 2006, p.14).

Sabemos que existem muitos desafios do docente quanto a questão do estágio relacionado a pesquisa, pois os mesmos apropriam-se da prática em toda a sua trajetória acadêmica, mas o estágio vem complementar ou não a construção da sua identidade como

professor.

Há relatos verbais de graduandos que expressam suas decepções quando chegam ao estágio e, justamente neste momento se (re) descobrem que ser professor não é o que eles desejam, de fato. Infelizmente só fazem tal descoberta passado metade do curso, quando saem das caixinhas das disciplinas do curso para unificar todas as caixinhas e mobilizá-las como professor.

Como afirma Selma Garrido Pimenta (2006)

“O ensino como prática reflexiva tem se estabelecido como uma tendência significativa nas pesquisas em educação, apontando para a valorização dos processos de produção do saber docente a partir da prática e situando a pesquisa como um instrumento de formação de professores, em que o ensino é tomado como ponto de partida e de chegada da pesquisa”. (Pg. 22).

Diante dos relatos verbais e escritos dos graduandos, quando esses nos entregam ao final do estágio, chega-se a imaginar que os discursos sobre pesquisa e reflexão ficam somente na teoria.

As vozes dos graduandos revelam acomodação dos professores em relação a sua prática em sala de aula e na gestão de conflitos que surgem a todo momento nas salas de aula, demonstrando claramente que os professores não foram formados para gerir conflitos de diversas natureza, como relatou Ghedin Oliveira Almeida (2006) ao dizer que “apesar dos processos inovadores no campo da formação, estes não aparecem como qualificadores das mudanças no campo da Educação Básica”. Ou seja, embora tenha se passado mais de uma década do relatado por Almeida (2006), sua fala está mais atual e, aos olhos dos graduandos essa assertiva vai expressar o estado da arte das práticas pedagógicas, ou seja, o professor vai continuar fechando seus olhos e tapando seus ouvidos para continuar defendendo o seu ganha pão, sem se preocupar com o produto de suas ações sobre os sujeitos que as sofrem.

É lamentável que as pesquisas e formações não reflitam diretamente nas mudanças tão necessárias na educação, sobretudo, nas atitudes dos professores em ter consciência de que suas ações (ou a falta delas) têm um impacto direto no modelo formativo do sujeito que está na sala de aula sob a sua tutela.

À sombra da falta de recursos nos investimentos nas formações de professores não consiste mais em um motivo para que o professor não busque a auto-gestão do conhecimento, não seja capaz de gerir os infinitos conflitos que este precisa administrar nas salas de aula, pois a internet, proporciona infinitas oportunidades para que esses se

reconstruam todos os dias, ou todos os momentos que forem preciso, pois é assim que caminha a humanidade nos dias de hoje.

Almeida (2006) ainda enfatiza essa questão da acomodação dos docentes formados em várias universidades do país desde as públicas às particulares, alertando que “as pesquisas recentes mostram que os professores recém formados (pelas universidades, centros universitários e faculdades isoladas), rendem-se facilmente à cultura da escola, na maioria das vezes abandonando os referenciais da ciência que os formou”.

Diante disso, muitas perguntas ficam sem respostas, tais como: para que serve as formações de professores, as teorias estudadas, as pesquisas realizadas, e os autos investimentos destinados a tal formação? Será que está sendo relevante para o processo de ensino e aprendizagem nas escolas? na atividade fim do professor?

Os graduandos, exprimem seus pontos de vistas de forma clara e objetiva

"notamos que o que realmente prevalece são os discursos, a falácia e as teorias, pois as escolas seguem padrões determinados pelas leis estaduais, nos quais os profissionais da educação necessitam segui-las de forma rígida e muitas vezes deixando de lado sua reflexão, seu posicionamento crítico, suas ideias e deixando de colocar realmente em prática seus posicionamentos dentro do âmbito escolar, para seguir as normas e padrões estabelecidos pelo sistema, no qual interfere na prática do docente dentro da sala de aula". (RM)

Pimenta (2000) alerta que “o saber docente não é formado apenas da prática, sendo também nutrido pelas teorias da educação”, mas, como mobilizar as teorias da educação na prática? não se enxerga muito do que se ensinou na universidade praticada nas salas de aula.

A missão da Instituição Escola

A escola é uma instituição que foi instituída no Brasil pelos Jesuítas para que os povos que aqui habitavam, obtivessem através da escrita, uma língua oral e escrita do rei, passassem a ter uma identidade. Assim, o povo brasileiro para ter reconhecida a sua identidade precisava de um elemento identificador que passou a ser a língua, não a dos índios que aqui já estavam quando os descobridores do Brasil chegaram, mas, a língua que foi ensinada pelos Jesuítas, uma vez que a instituição escolar foi formada sob a égide da igreja.

Assim sendo a Escola Beatriz Maranhão não foge à regra e tem por Missão formar cidadãos, ou fazê-los ter uma identidade à medida que os pequenos são alfabetizados e vão entrando na fôrma da instituição escolar. Também vão cabendo nos bancos da escola, afinal, este requisito também está intrínseco na "missão" da escola, ainda que de forma velada e sutil. O desejo de toda instituição escolar, da educação infantil à universidade é "enquadrar" dos

pequenos aos grandes em um modelo que seja o ideal para a escola, para o perfil hegemônico do capitalismo.

Os graduandos quando vão à escola confrontar o ideal, ensinando nas bancas da universidade com o real que real, se deparam com uma realidade extremamente dolorosa. E chegam até nós, professores da disciplina de Estágio Supervisionado muito desalentados, decepcionados, é o termo mais correto, com tamanha distância entre o "ensinado" na universidade e o visto nas escolas.

Tal decepção abala a todos nós, ou pelo menos deveria abalar, pois, trata-se de relatos que devem servir muito mais para nós, professores da universidade do que para eles. Cabe a nós refletirmos, pensarmos e reformularmos nossos conceitos de ensino aprendizagem, porque, definitivamente não estamos contribuindo para que o ambiente escolar seja, de fato, mas, só de direito, um ambiente de promover/ascender os seres humanos que nelas estão não excluindo a nós, professores. A missão da escola, da universidade não é concreta, ela somente existe nos Projetos Políticos Pedagógicos, nos artigos e pesquisas científicas, que, leva-nos a refletir também se são reais? ou são realidades inventadas a partir da situação das escolas que insistimos em ensinar aos nossos alunos?

Considerações Finais

Refletir e levar o graduando a refletir sobre sua identidade, que está em formação, é função da disciplina Estágio Supervisionado é a palavra de ordem na nossa prática. Porém, os achados dos graduandos no chão das escolas são extremamente preocupantes, pois reflexão é uma ação inexistente dos professores que estão nas salas de aula, tanto em relação a sua profissão, quanto às suas práticas pedagógicas.

Os relatos dos graduandos revelam que as práticas nas salas de aula, embora sejam explanadas aos observadores (graduandos) como sendo inovadoras, não o são de fato, pois não são (re) contextualizadas ou adequadas ao cenário atual do nosso país, do nosso estado e as particularidades da nossa cidade.

O estágio é o momento do graduando se reconhecer ou não como um profissional que vai cuidar de pessoas, vai ser o protagonista da gestão dos conflitos dos pequenos e, para tanto precisa estar consciente de que uma ação impensada com relação aos seus alunos poderá influenciar essa criança a ser um jovem e até mesmo um adulto que não saberá conviver pacificamente em sociedade, respeitando, ouvindo e agindo em prol do outro, uma vez que só existe o eu, quando reconhece-se que também existe o outro.

É justamente o não olhar para o outro - seus alunos -, que falta aos professores que

estão nas salas de aula. E essa cegueira opcional, sim, pois é mais fácil não querer abrir os olhos, não querer enxergar o tamanho da sua responsabilidade que os professores da educação básica à universidade, insistem em permanecerem com as vendas nos olhos, pois mudar é difícil, é doloroso e é um processo contínuo, mas, acima de tudo, não é para todos. E é por não incentivarmos o processo de mudança constante dos nossos alunos nas salas da universidade que temos a educação que temos e, principalmente os professores que formamos e que formaremos.

Referências

BARBOSA, M.A. G. De. *Comunicador Social a Professor de Comunicação*: A construção dos Saberes Docentes. Dissertação de Mestrado. PPGE/UFPE. 2006. Recife/PE.

BARSSOI, L B. “I Simpósio Nacional de Educação”. O *estágio na formação docente*: da teoria à prática, ação-reflexão. Cascavel, 2008.

GHEDIN, E; ELISANGELA S. ALMEIDA. W. de A. Ed. Cortez. *Professor reflexivo no Brasil*: gênese e crítica de um conceito/Selma Garrido Pimenta, Evandro Ghedin, (orgs)-4.Ed.-São Paulo: Cortez,2006.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. do S. L. “*Estágio e docência: diferentes concepções*”. Poiesis III (2005/2006): 5-24.

Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da educação e do Desporto, secretaria de Educação Fundamental. –Brasília: MEC/ SEF, 1998. Volume 1: introdução 1998/ p. 31.

SANTOS, R. de C. G. et. al. “*II Simpósio Nacional de Educação*”. O estágio como locus privilegiado na formação docente: engendrando uma possível parceria entre universidade e escola. Cascavel, 2010.